# Dia 20 — São Bernardino de Sena

São Bernardino, um dos astros mais resplandecentes da ordem de São Francisco e um dos mais brilhantes ornamentos de seu século, foi da ilustre família dos Albizzeschi de Sena, na Toscana. Seu pai Tollo e sua mãe Nera, mais ilustres por sua piedade que por sua nobreza, pediam a Deus com instância que lhes desse um filho, pondo por intercessora a santíssima Virgem. Ouviu o Senhor suas orações e concedeu-lhes o filho tão desejado, que veio à luz no dia da Natividade da mesma Senhora, 8 de setembro do ano de 1380. Nasceu em Massa, cidade do estado de Sena, de que era bailio o senhor Tollo. Perdeu a mãe sendo de idade de três anos e o pai quando só contava seis; pelo que ficou sob a tutela de uma tia sua materna, chamada Diana, senhora de grande virtude, que procurou com o maior cuidado dar-lhe uma boa educação e sobretudo inspirar-lhe desde logo o santo temor de Deus e uma singular devoção à santíssima Virgem. Não lhe custou nenhum trabalho, porque o gênio, as inclinações e a índole do menino Bernardino naturalmente o levavam ao bom. Não tinha maior diversão que estar na igreja, fazer altares e ouvir sermões, que repetia depois com tanta graça que todos admiravam desde então o belo talento que mostrava para o púlpito. Na formosura de seu semblante lia-se o candor e a pureza de sua alma; estava dotado de excelente engenho; seu rosto estava sempre sereno e apacível; brilhava o pudor em seu semblante; seus modos agradáveis e naturalmente cortesãos faziam-no não menos amável que admirável a quantos o conheciam.

Sendo de onze anos, levaram-no a Sena seus tios paternos Cristóvão e Ângelo Albizzeschi, onde lhe deram mestres que o instruíssem nas ciências. Ali aprendeu a gramática e as letras humanas, sendo seu mestre Onofre, e de filosofia João de Espoleto, que não cessavam de elogiá-lo, enamorados de sua formosura, de seu engenho, de sua aplicação e sobretudo de sua virtude.

Deixava-se conhecer em todas as suas operações a inocência e a pureza de seus costumes. Se se descuidavam seus companheiros em alguma palavra menos composta, ao ponto enchia-se de um virginal empacho seu semblante. Fazia-se respeitar por sua virtude, ainda que tão moço; sua modéstia continha os mais livres, e em sua presença não se ouvia conversação menos honesta. «Bernardino vem», diziam uns aos outros os jovens, se talvez se desafogavam em conversações algo livres.

Acabado o curso de filosofia, estudou teologia e o direito canônico, fazendo tantos progressos na primeira faculdade que foi um dos mais hábeis teólogos de seu século. À medida que se fazia mais sábio, fazia-se mais santo. Não ignorando que a inocência se alimenta e se conserva com a mortificação, desde a idade de quinze anos entregou-se ao exercício de espantosas penitências. Jejuava três vezes por semana, usava o cilício quase todos os dias, deitava-se vestido sobre a terra nua, dormia pouco para orar muito; e, espreitando-o alguns companheiros, observaram que

despedaçava seu inocente corpo com cruéis açoites, servindo-se algumas vezes de um molho de urtigas.

À medida que crescia seu fervor, crescia também sua terna devoção à santíssima Virgem. Estando um dia com uma de suas primas, viúva jovem, mas de eminente virtude, despediu-se dela dizendo que ia visitar uma senhora de um mérito sem igual, de incomparável formosura e a quem amava com paixão. Admirada a virtuosa senhora de semelhante confiança, disse-lhe não sem sobressalto: «Pois quê, primo, um moço de tua virtude também anda visitando senhoras!» «Sem dúvida, respondeu o santo sorrindo-se, tanto que me retiraria para casa com pouco gosto se deixasse um dia de render meus respeitos ao doce objeto de meu contínuo galanteio.» Não replicou a prima, e despediu-se Bernardino; mas logo se sossegou a virtuosa senhora, porque, saindo atrás dele e observando-o de longe, viu que entrava a fazer oração diante de uma imagem da santíssima Virgem que se venerava numa capela extramuros da cidade, aonde concorria infalivelmente todas as noites, com grande edificação do povo.

Desgostado do mundo, ainda antes que o pudesse conhecer, aos dezessete anos de sua idade alistou-se na congregação dos penitentes da Virgem, fundada em Sena no hospital da Scala e muito célebre pelos grandes personagens que entravam nela. Eram muito do gosto de nosso santo os exercícios de caridade e as obras de misericórdia em que se empregava aquela devota congregação em favor dos pobres enfermos, como também as grandes penitências que se praticavam nela. Vendo-se por este meio com alguma maior liberdade, soltou as rédeas ao ímpeto de seus fervores; mas em nenhuma coisa acreditou mais sua heroica virtude que nos grandes exemplos de caridade com que edificou a todos naquele santo hospital durante a peste que por espaço de quatro meses afligiu a cidade de Sena. Nem de dia nem de noite se apartava da cabeceira dos enfermos; servia-os, consolava-os, enterrava-os, ainda que morriam às centenas. Não contraiu a peste; mas, tendo cessado o contágio, rendido às fadigas de sua ardente caridade, caiu enfermo em casa de uma tia sua, muito virtuosa e muito anciã, que havia anos estava cega e paralítica, empregando depois a convalescença em assistir com o maior amor e desvelos a esta pobre enferma, sem haver querido deixá-la até que expirou.

Livre já Bernardino deste cuidado, retirou-se a uma casa dos arrabaldes de Sena para viver distante do bulício, entregue à solidão e à oração. Nela fez um oratório e prescreveu-se por limites de sua clausura as paredes da horta que ele mesmo cultivava com suas mãos. Mas, considerando que o religioso ligado com seus votos faz grandes vantagens ao solitário que se governa em tudo por sua própria vontade, resolveu abraçar um estado tão perfeito. Escolheu o convento de São Francisco da estreita observância, já fundado em Sena, por ser daquela célebre reforma que havia ressuscitado o primitivo espírito de seu santo fundador e que, fazendo profissão de seguir a primitiva regra à letra, havia voltado a acender o primeiro fervor naquele ilustre corpo, renovando na posteridade os grandes exemplos de pobreza evangélica, desapego e desnudez, os prodígios de penitência e de rigor, os maravilhosos efeitos de zelo e de magnanimidade, numa palavra, aquela elevada ideia de perfeição e de santidade que havia admirado o mundo nos primeiros padres. A esta sagrada religião retirou-se Bernardino à idade de vinte e dois anos; não teve mais que apresentar-se, e logo foi recebido e enviado ao convento de Colombaio para fazer nele seu noviciado. Como já havia chegado a tão eminente grau de perfeição, desde o primeiro dia foi respeitado por modelo, causando admiração que pudesse trazer do século tanta inocência

acompanhada de tão sólida virtude.

Concluído o ano do noviciado, fez os votos religiosos no dia 8 de setembro, consagrado à Natividade da santíssima Virgem, dia em que nasceu, dia em que entrou na religião, dia em que professou e dia em que no ano seguinte disse a primeira missa. Longe de entibiar-se o fervor que mostrou em seu noviciado, cada dia se acendia mais. Todos estavam continuamente assombrados à vista do rigor com que tratava seu inocente corpo. Não houve homem que o excedesse em amar os desprezos, os desaires, os insultos e as humilhações; e Deus permitiu que cada dia encontrasse algumas novas, especialmente por parte de seus parentes, que não podiam suportar com paciência que houvesse abraçado aquele gênero de vida.

Conhecendo os superiores seu grande talento, não consentiram que estivesse escondida por mais tempo aquela brilhante tocha. Por mais que representou e que suplicou que o deixassem estudar primeiro aos pés do crucifixo as grandes verdades da religião, viu-se obrigado a romper o silêncio. Enviaram-no a pregar em Milão, e logo que o ouviram no púlpito, não se falava na cidade de outra coisa que da santidade e da eloquência do novo pregador, mas sobretudo das portentosas conversões que fazia.

Conheceu então que o Senhor o chamava ao ministério da pregação e, como se achasse com a língua naturalmente grossa e tarda, pediu a Deus que lha desembaraçasse, dando-lhe facilidade em falar. Foi ouvida sua petição, e ao ponto sentiu uma milagrosa desenvoltura na língua, tanto que não se viu voz mais agradável nem mais sonora, língua mais expedita nem mais clara, eloquência mais eficaz nem mais persuasiva. Não era mister menos para pregar com fruto num tempo em que estava estendida por toda a Itália a corrupção dos costumes e em que, sustentada a licença pelos bandos e pelas parcialidades, triunfava impunemente a dissolução. Não se via em todas as partes mais que enganos, usuras, inimizades, rancores, homicídios, desordens; a impureza estava entronizada; a dissolução havia penetrado até no lugar santo, e nem sequer as casas religiosas estavam isentas do relaxamento. Contra estes monstros tinha que combater nosso santo; atacou-os e desbaratou-os.

Do Milanês foi chamado à Toscana. Pregou algum tempo em Sena com o mesmo fruto e dali foi fazê-lo igual em Placência, Bérgamo, Bréscia, Verona, Vicência, Veneza, Mântua, Ferrara, Bolonha, Régio e Módena. Desde os apóstolos não se havia visto pregador mais poderoso em obras e em palavras. Não se falava em toda a Itália senão dos portentosos frutos de sua pregação, de conversões milagrosas, de mosteiros reformados, de vocações ao estado religioso, de abusos suprimidos e de uma geral mudança de costumes. Poucos sermões deixavam de ser interrompidos com as lágrimas, soluços e alaridos de todo o auditório; nenhum em que não se visse alguma insigne reconciliação; nenhum que não fizesse mudar de semblante toda a cidade. Os usurpadores da fazenda alheia corriam apressados a seus pés e lançavam a eles o dinheiro para as restituições; na mesma igreja buscavam-se uns aos outros os mais mortais inimigos, abraçavam-se ternamente e pediam-se perdão; os avarentos derramavam em esmolas seus tesouros. Viu-se como sufocado o furor das facções de guelfos e gibelinos que tinham posto em combustão toda a Itália; destruídas as casas públicas de dissolução; fundados muitos hospitais, o luxo reformado, a frequência de sacramentos restabelecida, e em menos de dez anos foi universal em toda a Itália a reformação dos costumes.

Com o fim de que gozassem também outros países deste novo apóstolo, nomeou-o seu geral comissário da Terra Santa, aonde passou, e foi guardião do convento de Belém. Em todas as partes era milagroso seu zelo e, tendo restituído no Oriente o primitivo fervor, voltaram a chamá-lo à Itália as necessidades da Europa. Foi-lhe forçoso voltar a Veneza, percorrer de novo toda a Lombardia, a Romanha e a Toscana; e depois de haver pregado como apóstolo em Florença, em Lucca, em Perúgia, em Arezzo, em Assis, em Espoleto e em algumas outras cidades da Úmbria e da Marca de Ancona, em todas as partes com o mesmo fruto, foi-lhe ordenado por seus superiores que passasse a exercer este ministério em Roma, sendo aquela capital do mundo o novo teatro onde brilhou com mais esplendor a virtude do servo de Deus.

O obreiro de todas estas maravilhas, como dizia ele mesmo, era o grande amor que professava a Jesus, não sendo fácil que outro algum o excedesse no fervor e na ternura com que amava o Salvador do mundo. Sempre que celebrava o santo sacrifício da missa, a inflamação do semblante e as muitas lágrimas que derramava depois da consagração eram o melhor testemunho do fogo celestial em que se abrasava. Tinha o doce nome de Jesus profundamente gravado no coração; e assim não é de admirar que jamais lhe caísse da boca, sabendo que não há debaixo do céu outro nome em cuja virtude os homens sejam salvos nem tampouco outro Salvador que Jesus. Com este santo nome estavam temperados todos os seus sermões, todas as suas conversações familiares e todas as suas obras. Levava pendente do cordão uma tabuinha em que estava pintado o dulcíssimo nome de Jesus e a mostrava ao povo para animar sua confiança. Eram eficazes suas orações, porque tudo pedia em virtude deste santo nome.

À vista das portentosas conversões e das demais maravilhas que obrou em Roma, armou-se todo o inferno contra ele. Carregaram-no de injúrias e de calúnias. Não achando que dizer contra suas virtudes, gritaram contra sua doutrina. Acusaram-no diante do papa de que ensinava erros e dava em excessos, com pretexto de estender a devoção ao nome de Jesus. Não podia deixar de ser criticada uma moral tão pura: censuravam-lhe a brandura com que tratava os pecadores e delataram como um crime a facilidade com que os admitia à penitência e lhes dava a absolvição.

Quis o papa Martinho V que se defendesse; leu com o maior gosto sua apologia e, satisfeito de suas razões e de seu proceder, abraçou-o ternamente, exortando-o a continuar a obra do Senhor e a derramar por todas as partes o fruto de seu zelo. Poucos dias depois de sua justificação foi nomeado para o bispado de Sena; mas pôde mais sua profunda humildade que os desejos de todos os cardeais e do mesmo sumo pontífice. Clamavam por ele havia muito tempo as cidades de Gênova, Savona e Albenga; foi a elas, e ficaram convertidos os mais inveterados pecadores. Ia dar princípio a outra missão em Milão quando vagou o bispado de Ferrara. Pareceu ao novo pontífice Eugênio IV que não poderia encontrar sujeito mais a propósito para aquela mitra e concedeu-o aos ansiosos desejos do povo e do clero; mas jamais foi possível alcançar o consentimento de Bernardino, e o papa cedeu por fim a suas lágrimas e rogos.

As fadigas apostólicas não moderavam suas penitências. Pregava muitas vezes ao dia, e nem por isso se dispensava em suas vigílias e jejuns. Apenas se pode conceber como um homem era capaz de obrar tantas maravilhas sem sucumbir a tantos trabalhos. Além de suas missões e apostólicas correrias, deixou-nos escritos excelentes tratados e obras de piedade, como os tratados da religião cristã; do Evangelho eterno; da vida de Jesus Cristo; do combate espiritual; de meditações, com o

título de sermões, onde se descobre aquela terna e profunda devoção que era em parte o caráter de sua alma.

Quando passou a Roma o imperador Sigismundo, quis que Bernardino o acompanhasse e assistisse à cerimônia de sua coroação. Repetiram-se novos esforços para obrigá-lo a ser bispo, querendo o papa que aceitasse o bispado de Urbino; mas manteve-se imóvel em sua primeira resolução, sendo este o terceiro triunfo que conseguiu dos que estavam tão empenhados em elevá-lo às dignidades eclesiásticas. Com tudo isso não pôde negar-se a aceitar o cargo de vigário-geral de todos os conventos da observância: emprego importante que abriu nova carreira a seu zelo, porque restituiu o primitivo fervor em muitos conventos de religiosos e de religiosas que haviam começado a afrouxar. Fez assombroso fruto no reino de Nápoles, onde seu monarca Renato o queria deter, quando recebeu um mandato do papa para que voltasse à Toscana e assistisse ao concílio geral que se havia trasladado de Ferrara a Florença. Ali teve nosso santo o grande consolo de ver reunida a igreja grega com a latina; pregou aos gregos em sua mesma língua e, ainda que a ignorava, falou com tanta elegância que os mesmos gregos ficaram assombrados.

Não só tinha Bernardino o dom de línguas; também tinha o de milagres. Em Mântua atravessou um grande lago com um companheiro, navegando em cima do manto; muitos enfermos se acharam de repente sãos só com tocar seu hábito; mas, ainda que foi grande o número de seus milagres, o maior de todos foram as portentosas conversões que fez. Quando tomou o hábito, não se contavam em toda a Itália mais que vinte conventos da observância e neles quando muito duzentos frades; quando morreu, passavam os religiosos de seis mil e os conventos de trezentos só na Itália.

Não obstante achar-se já com a saúde muito quebrantada por suas contínuas fadigas e excessivas penitências, foi pregar em Ferrara, Verona, Vicência, Pádua, Mântua, Lodi e Cremona. Advertido sem dúvida pelo céu do dia de sua morte, despediu-se dos de Sena num sermão muito terno e muito patético. Partiu desta cidade no dia 29 de abril de 1444 para voltar ao reino de Nápoles. Eram missões suas viagens; no dia 3 de maio pregou na ilha do lago de Perúgia; oito dias depois em Espoleto; na quinta-feira seguinte em Cittaducale. Havia tempo que se sentia muito mal, mas o zelo suprimia a debilidade; por fim rendeu-se à cama. Conduziram-no a Áquila, onde quatro dias depois, consumido de fadigas e de penitências, cumulado de merecimentos e abrasado em chamas do divino amor, depois de receber todos os sacramentos com sensível e terna devoção, expirou tranquilamente, pronunciando os dulcíssimos nomes de Jesus e de Maria, no dia 20 de maio do ano 1444, véspera da Ascensão, ao mesmo tempo que seus frades estavam cantando a antífona das vésperas: *Pater, manifestavi nomen tuum hominibus, etc.:* Pai, dei a conhecer aos homens teu santo nome, e agora vou a ti. Morreu à idade de 64 anos.

A notícia de sua morte fez concorrer ao enterro inumerável multidão de gente, tanto da cidade como dos povos da comarca. Pelos muitos milagres que obrou em vida e pelos que continuaram em seu sepulcro depois de sua morte, clamou-se com instância por sua canonização. Começaram-se as informações no tempo de Eugênio IV, que havia sido testemunha de suas virtudes; continuaram-se no de Nicolau V, seu sucessor, a solicitação de São João Capistrano, discípulo de São Bernardino; e no ano de 1450 [^1], cinco depois de sua morte, celebrou solenemente o papa sua canonização no mesmo dia de Pentecostes com grande aparato. No de 1481 foi colocado o

santo corpo numa urna de prata que havia enviado o rei de França Luís XI. Os religiosos observantes de São Francisco veneram com razão a São Bernardino como seu segundo fundador.

# Martirológio Romano

Em Áquila, no Abruzzo, São Bernardino de Sena, da ordem dos Frades Menores, que ilustrou a Itália com seus discursos e exemplos.

Em Roma, na via Salária, a festa de Santa Basília, virgem, descendente de família real, a qual, estando prometida a um dos principais senhores da corte e não querendo casar-se, foi denunciada por ele como cristã. Tendo mandado o imperador Galiano que tomasse este esposo ou fosse degolada, a santa, a quem haviam chamado para ouvir esta sentença, não vacilou em responder que tinha o Rei dos reis por esposo, e na mesma hora lhe atravessaram uma espada pelo corpo.

Em Nîmes, São Baudílio, mártir, que, recusando adorar os ídolos e perseverando firme na fé de Jesus Cristo, a despeito dos açoites e de outros tormentos, recebeu com uma morte preciosa a palma do martírio.

Em Edessa, na Síria, os santos Talaleu, Astério, Alexandre e seus companheiros, martirizados no tempo do imperador Numeriano.

Na Tebaida, São Áquila, mártir, que foi descarnado com pentes de ferro por amor de Jesus Cristo. Em Bourges, Santo Austregísilo, bispo e confessor. Em Bréscia, Santo Anastásio, bispo.

Em Pavia, São Teodoro, bispo.

Em Roma, Santa Plautila, senhora consular e mãe da bem-aventurada Flávia Domitila, que foi batizada pelo apóstolo São Pedro e morreu na paz do Senhor com a reputação de ter sobressaído em todo gênero de virtudes.

# Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Domine Jesu, qui beato Bernardino confessori tuo eximium sancti nominis tui amorem tribuisti: ejus, quæsumus, meritis et intercessione spiritum nobis tuæ dilectionis infunde: Qui vivis et regnas in sæcula sæculorum. Amen.*

**Português:** Senhor Jesus, que concedestes a vosso bem-aventurado confessor Bernardino um amor tão grande a vosso santo nome, por seus méritos e intercessão suplicamo-vos que infundais em nossos corações o espírito de vosso divino amor: Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Amém.

# Epístola

A epístola é do capítulo 31 do livro da Sabedoria, e a mesma que a do dia 12.

**Eclesiástico 31,8-11**

> **Latim:** [8] Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. [9] Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. [10] Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. [11] Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

**Português:** [8] Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. [9] Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. [10] Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: [11] Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

# Nota

«O livro do Eclesiástico, de onde se tirou esta epístola, não está recebido no cânon dos hebreus como livro inspirado, ainda que faziam dele grande estima. Mas toda a Igreja o venerou sempre como canônico, e nenhum santo padre duvidou de sua autenticidade, ainda antes que os concílios a houvessem declarado.»

# Reflexões

*Bem-aventurado aquele que não correu atrás do ouro, nem pôs sua esperança no dinheiro nem nos tesouros. Quem é este, e o louvaremos? porque fez maravilhas em sua vida.* Na verdade, é hoje

em dia tão universal a cobiça que com razão parece ao Sábio uma espécie de prodígio um homem que não coloca sua esperança em seus tesouros. A avareza reina em todos os estados; tanto o eclesiástico como o secular, e às vezes muito mais o sacerdote que o leigo, são escravos desta abominável paixão. A todos os corações estende seu império; e o mesmo é dominá-los que cegá-los. Quantos arrependimentos excusaria um pouco de reflexão sobre a natureza desta doença! Mas entre todas as paixões, a mais ignorada do próprio que está tiranizado por ela é a paixão das riquezas, a avareza. Os avaros nunca se creem tais; uns disfarçam a avareza com o nome de economia, outros com o de previsão, alguns a cobrem com o título especioso de modéstia e de prudência, e muitos querem persuadir que é necessidade. Envergonha-se de si mesma esta vil paixão; é tão irracional e tão odiosa que não tem valor para deixar-se ver com seu verdadeiro nome. O ver-se notado por ela causa rubor.

Com efeito, quem deixará de reconhecer alguma e até muita debilidade de cabeça na desordenada cobiça? Agarrar a todas as mãos, amontoar dinheiro sobre dinheiro, fazer um grande cabedal só com suas economias e com isto estar continuamente queixando-se da miséria, privar-se de tudo e chegar a padecer fome, não é uma espécie de loucura? É verdade; mas que remédio há?

Gastar as forças e a saúde, atormentar o engenho para descobrir, para encontrar cada dia novos meios, novos arbítrios de poupar, novos artifícios para enriquecer-se, novos segredos para tratar-se mal, alambicando o discurso para fazer mais miserável a própria miséria; esta é a séria ocupação, este o contínuo estudo de um avarento. Pode haver tráfico mais ruim nem mais soez?

Pôr em contribuição, por assim dizer, toda a sua família; não acertar a servir a ninguém senão por interesse; negociar até com o salário dos pobres trabalhadores; tremer, estremecer-se a qualquer proposição e até com a memória de um pequeno gasto; queixar-se sempre pelo que é preciso fazer para não se deixar morrer; afetar a maior pobreza em meio da abundância; antecipar-se talvez a chorar o gasto que se há de fazer em seu enterro; duro para os outros, igualmente duro para si; passar uma vida triste, melancólica e retirada, ainda que lhe sobrem rendas, capitais e posses: se isto não é loucura, que coisa o será? Oh, e com quanta razão se disse que o avarento nada deixa que fazer à má fortuna! Por desgraçada que esta fosse, poderia tratá-lo pior? Mas ao menos, se esta desditosa paixão se pudesse cobrir com algum motivo plausível que fosse capaz de deslumbrar, passaria por um dos muitos erros que têm alucinados os mortais. Mas uma avareza desmedida, de que pretexto, nem sequer aparente, se poderá cobrir? Fadigas excessivas, cuidados sem número, vida dura e vergonhosa, penitência sem mérito, baixezas odiosíssimas, ser para o povo objeto de riso, de zombaria e de desprezo; esta é a herança de um homem avarento. E tudo isto por quê? Não mais que por deixar uma rica herança, e muitas vezes um tecido de injustiças e de latrocínios, a uns herdeiros que hão de divertir o público com indústrias dignas de riso de que se valeu seu benfeitor. Viu-se no mundo maior e mais insigne loucura? E diga-se a verdade: qual das duas loucuras será maior, imaginar-se um rico, poderoso, um príncipe, arremedar seus modos, afetar sua linguagem e ar e até pretender imitar sua magnificência, ainda que seja um pobre plebeu, ainda que seja um homem da mais baixa condição; ou imaginar-se sempre pobre, viver como um miserável avaro, dar que rir ao povo com suas baixezas e ruindades, ainda que lhe sobrem os dobrões e ainda que seja um homem honrado e de distinção? Qual destas duas manias se aproxima mais da loucura? Que coisa pode haver mais digna de compaixão ou de riso que sobrar a um homem tudo e viver como se tudo lhe faltasse?

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus, e o mesmo que o do dia 5.

**Mateus 19,27-29**

> **Latim:** 27 Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? 28 Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. 29 Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores, aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

**Português:** 27 Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? 28 E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d'Israel. 29 E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

# Meditação

*Da devoção ao santo nome de Jesus*

# Primeiro ponto

Considera que o santo nome de Jesus foi sempre o objeto da veneração dos maiores santos e a confiança dos fiéis verdadeiros: *Não há salvação em outro nome,* diziam os apóstolos [^2], porque não há outro no céu nem na terra em cuja virtude os homens sejam salvos. *Tempo virá,* dizia o apóstolo São Pedro [^3], *em que todo aquele que invocar o nome do Senhor se salvará.* Em virtude deste santo nome, pela confiança neste santo nome [^4], o que estava coxo andava direito; por ele sanam os enfermos; por ele ressuscitam os mortos; por ele fizeram tantos milagres os apóstolos e todos os demais santos. *Abateu-se, aniquilou-se a si mesmo Jesus Cristo,* diz o Apóstolo, *fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz; pelo que Deus o exaltou e lhe deu um nome sobre todo nome, para que, no nome de Jesus, todas as criaturas que há no céu, na terra e nos abismos dobrem o joelho.* Que respeito, que devoção devem professar a este santo nome

todos os cristãos!

É um nome todo divino; impô-lo o Eterno Pai, trouxe-o o anjo, e mereceu-o o Salvador por sua morte e por seus tormentos. Como ele encerra em Jesus Cristo todas as qualidades de Salvador, não podemos pronunciá-lo sem que excite em nós os mais doces motivos de confiança. Ao mesmo tempo, diz São Bernardo, que o nome de Jesus significa que o Filho do Altíssimo é meu Salvador, está-me dizendo também que este Salvador meu é meu rei, é meu bom pastor, é meu pai. Diz-me que este meu amável Salvador veio principalmente pelos pecadores; que por eles tudo padeceu, até derramar seu sangue; e que neste sangue se hão de lavar nossas culpas. Oh, e que motivo de confiança encontro neste dulcíssimo nome!

Se me atemorizam dizendo-me que Deus há de ser meu juiz, este sagrado nome me alenta trazendo-me à memória que esse mesmo soberano juiz é meu Jesus, isto é, meu Salvador. Quanta é, bom Deus, nossa necessidade, nossa pobreza! Que de coisas nos faltam! Bens espirituais e temporais; graças poderosas, auxílios particulares nos perigos; bênçãos, favores, indulgências; tudo se acha, tudo se merece e tudo se consegue em virtude deste santo nome. Meu Deus, que ricos, que poderosos seríamos se soubéssemos aproveitar-nos deste tesouro, se soubéssemos usar deste remédio! O nome de Jesus, diz São Bernardo, é um óleo salutar, como se explica a Escritura: *Oleum effusum nomen tuum;* isto é, que tem todas as suas propriedades e sua virtude. O óleo alumia, nutre e sana: *Lucet, pascit, ungit.* Tudo isto faz o dulcíssimo nome de Jesus: acende o fogo do divino amor e o alimenta; é um bálsamo divino que cura e fecha as feridas da alma. Não há que admirar-nos de que todos os santos o tivessem continuamente na boca, pois o tinham gravado no coração. Cem vezes o repete São Paulo em cada página; Santo Inácio mártir não acertava a falar sem acompanhar com ele todas as suas palavras; São Bernardino punha aos olhos do povo este santíssimo nome, e por sua virtude se convertiam os mais obstinados pecadores.

Bom Deus, que segredo mais poderoso! Que remédio mais fácil! Que devoção mais útil nem mais à mão de todos! Que dor será a minha por não me haver aproveitado de uma devoção tão salutar e por não haver sabido usar deste tesouro escondido!

# Segundo ponto

Considera a onipotente eficácia deste suavíssimo nome. «Os que crerem em mim, diz o Salvador do mundo, farão os prodígios que se seguem [^5]: em meu nome lançarão os demônios; em meu nome falarão novas línguas; tomarão com a mão as serpentes, e as serpentes não lhes danarão; beberão veneno, e o veneno não lhes fará dano. Enfim, a virtude de meu nome obrará toda espécie de milagres; porão as mãos sobre os enfermos, e os enfermos sararão.» Que não se poderia e que não se faria, se com uma viva fé se professasse uma verdadeira devoção ao santo nome de Jesus!

Podemos pouco e fazemos menos, porque nos falta a devoção e a fé neste santo nome. *Em verdade vos digo* (são palavras do Salvador do mundo) *que, se pedirdes alguma coisa em meu nome a meu Pai, ele vo-la concederá.* Que promessa de maior consolo e que possa excitar em nós mais viva confiança? E que outro motivo pode haver mais poderoso para movermo-nos a professar

uma devoção muito terna ao sagrado nome de Jesus? Seja o que for, como seja coisa justa o que pedirmos ao Eterno Pai, o mesmo Jesus Cristo nos assegura com uma espécie de juramento que o conseguiremos. Que confiança deve alentar os que levam gravado em seu coração este dulcíssimo nome, os que terna e religiosamente o respeitam e os que jamais o pronunciam sem novo consolo, sem alguma nova graça!

Nossas necessidades são cada dia maiores, cada dia crescem mais nossas misérias, oramos e não são ouvidas nossas orações, porque nos falta a devida devoção e confiança neste santo nome. *Até agora nada pedistes em meu nome* [^6], diz este amável Salvador, *e por isso nada recebestes. Pedi, e recebereis;* mas tudo o que pedirdes seja em meu nome. A favor deste nome seremos benignamente recebidos e favoravelmente despachados. Este nome nos dá título e direito para que sejamos atendidos.

O sagrado nome de Jesus, prossegue São Bernardo, não só é luz que alumia, mas delicioso manjar que fortalece: *An non toties confortaris, quoties recordaris?* Não sentes em ti uma nova força, um novo vigor sempre que o pronuncias? Todo manjar é insípido se não está temperado com este sal e com este molho.

*Jesus mel in ore,* continua o santo: onde há mel mais doce ao paladar que o santo nome de Jesus? Onde há música mais agradável ao ouvido? Onde maior consolo nem maior alegria para o coração que a que causa nele este santo nome? Padeces algum desgosto? Estás necessitado de socorro pronto e poderoso? Recorre a este santo nome com toda a confiança. Meu Deus! Que outra devoção pode haver mais oportuna para inspirar-nos uma piedade sincera e verdadeira?

Ó divino Salvador meu, e quanta é minha dor por haver tido até aqui tão pouca devoção a vosso santo nome! De hoje em diante eu o terei tão profundamente gravado no coração que jamais me caia da boca; e espero me concedereis a graça de que seja todo o meu consolo e todo o meu refúgio na hora de minha morte.

# Jaculatórias

> *Domine Deus noster, quam admirabile est nomen tuum in universa terra!* Sl 8.

Meu Deus e meu Senhor, quão admirável é o vosso santo nome em todo o universo!

> *Juvenes, et virgines, senes cum junioribus laudent nomen Domini; quia exaltatum est nomen ejus solius.* Sl 148.

Louvem o santo nome do Senhor os jovens e as virgens, os velhos e os meninos; porque não há no universo outro nome grande senão este.

# Propósitos

1. O santíssimo nome de Jesus não só deve ser objeto de nosso respeito e de nossa veneração, deve também animar nossa confiança. É como um compêndio de tudo o que fez o Salvador do mundo por nossa salvação; ele só significa, por assim dizer, todos os mistérios de sua vida. Não há outro nome debaixo do céu concedido aos homens em cuja virtude possamos ser salvos. Assombra ver que não professam todos os cristãos a este santo nome uma devoção muito terna. Consiste esta, primeiro, em tê-lo frequentemente na boca; mas muito mais em conservá-lo afetuosamente gravado no coração, pronunciando-o sempre com o maior respeito e com afetos de amor e de reconhecimento. Segundo, em rezar cada dia devotamente algumas orações em honra sua, como podem ser os hinos que se cantam na igreja. Terceiro, em não empreender nem dar princípio a obra alguma senão sob os auspícios deste dulcíssimo nome.

2. Também é devoção muito louvável, e foi muito familiar a muitos santos, o não negar coisa, enquanto seja possível, que se nos peça pelo nome de Jesus: esmolas, ofícios, favores. Ao despertar pela manhã e ao deitar-te pela noite, dá princípio e fim ao dia pronunciando os doces nomes de Jesus e de Maria: costume santo que te facilitará o pronunciá-los com humilde confiança na hora da morte. Muitas almas santas, sempre que ouvem pronunciar o doce nome de Jesus, correspondem reverentes inclinando um pouco a cabeça, ou ao menos interiormente com algum ato de amor de Deus e com afetos de ternura e de agradecimento. Adiante-se tua veneração a este santo nome até respeitar tudo aquilo onde o vejas escrito ou estampado. Tem à vista em teu quarto gravadas com letras grandes aquelas palavras do Apóstolo: *In nomine Jesu omne genu flectatur, cælestium, terrestrium et infernorum.* Dobrem o joelho ao nome de Jesus o céu, a terra e os abismos.

[^1]: O OCR traz «1449»; a canonização de São Bernardino deu-se em 1450 (Pentecostes, 24 de maio), seis anos após sua morte; o texto diz «cinco depois». [^2]: At 4,12. A chamada «(1)» consta do original; a nota («Act. 4») aparece deslocada para depois do parágrafo. [^3]: At 2,21 («Act. 2» no original). [^4]: At 3,16 («Cap. 3» no original). [^5]: Mc 16,17-18 (o original traz «Marc. 10», evidente erro de OCR). [^6]: Jo 16,24 (o original traz «Joan. t6», erro de OCR).

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:23 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:23 by Admin